

ENTREVISTA

[PROF. VITO MANCUSO]

Clarissa De Franco¹

(equipe editorial *Último Andar*)

A entrevista deste número é com o teólogo italiano Vito Mancuso, doutor em Teologia Sistemática, que tem como trabalho mais recente a obra: “Eu amo: pequena filosofia do amor”, lançada no idioma italiano em setembro, na qual apresenta o amor como a grande potência para o sentido existencial de todo ser humano. Tocando em temas polêmicos das formas de relacionamento e sexualidade, Mancuso reforça a importância da liberdade de cada ser sobre sua construção consciente no mundo.



Vito Mancuso

Último Andar: O que se pode esperar da Teologia diante de um mundo laico?
Por que é importante estudar religião ainda hoje?

¹ Psicóloga, doutora em Ciências da Religião e pós-doutoranda em Ciências Humanas e Sociais pela Universidade Federal do ABC.

Vito Mancuso: Estudar religião é importante para entender o nosso tempo na verificação tríplice do passado, presente e futuro. Eu acho que é óbvio para todos que nosso passado não pode ser entendido sem colocar em jogo o fenômeno religioso, dada a importância fundamental desempenhada pela religião na construção da sociedade. Mas também para o conhecimento da presente a religião não pode ser ignorada, tendo-se tornado, especialmente após a queda das ideologias políticas, um fator essencial na geopolítica: pensemos no mundo islâmico, o crescente papel dos partidos religiosos em Israel, o nacionalismo hindu na Índia, até mesmo para a China, onde as raízes de Confúcio voltam a exercer um papel de liderança. Finalmente, eu acho que é importante estudar religião para se ter uma idéia do futuro para o qual caminhamos, porque na minha opinião, no mundo está acontecendo um grande movimento de religião, no sentido etimológico do termo, ou seja, a conexão e o relacionamento entre os povos, as disciplinas, o conhecimento, as tradições, prenunciando o advento de uma nova era axial. Mesmo a teologia cristã deve incluir esta tensão que atravessa o mundo contemporâneo, moldando-o de uma nova maneira e decidir estar ao seu serviço: se isso não acontecer, ela está fadada a se tornar uma relíquia arqueológica.

U.A.: Como você apresentaria Deus a um ser que chega a nosso planeta? Que Deus você defende filosoficamente?

V.M.: Se partimos da premissa que toda definição de Deus é, por força, inadequada (“se compreendes, não é Deus”, dizia Agostinho), penso que o caminho melhor para ter uma ideia sobre qual realidade está em jogo ao se nomear “Deus” é referir-se a quanto afirmava Platão: Deus é “a ideia do bem”. Obviamente aqui, com o termo “ideia” não se deve entender uma opinião, mas antes um nível do ser não submetido à corrupção do devir, algo que permanece e que resiste ao correr do tempo, e que age no interior do tempo, empurrando o caos na direção da ordem, agindo assim como princípio ordenador. Deus como ideia do bem é a força que consente ao ser de surgir e depois de se plasmar, produzindo fenômenos dotados de complexidade e organização cada vez maiores, até o esplendor da mente que sabe e do coração que ama. Poder-se-ia pensar Deus como a mente cósmica dentro da qual estamos e nos movemos, sem a qual todas as coisas precipitariam no escuro do caos primordial e que recorda o campo de Higgs, cuja existência foi confirmada em 4 de julho de 2012, no CERN de Genebra. O Novo

Testamento escreve que “Deus é amor”, e isto é certamente verdadeiro se entendemos o amor não como emoção psicológica, mas como força física que produz união e harmonia. Este Deus mente cósmica é também pessoal? Se nós somos pessoas, é legítimo ter presente que o princípio do qual dependemos também o seja, mesmo se, certamente, não o é no modo psicológico e passional com o qual nós somos pessoas.

U.A.: Através de algumas de suas exposições, dentre elas a fala na aula inaugural do Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da PUC/SP, podemos identificar uma visão do neoteísmo como promotor de um reducionismo das possibilidades do conhecimento e do ser, por tomar a verdade como algo totalmente objetivável. Elucide para nosso leitor esta perspectiva.

V.M.: O ateísmo é dito de muitas maneiras, existem diversos ateísmos. Aquele sobre o qual a pergunta é feita é o ateísmo de caráter cientificista, segundo o qual a realidade é totalmente redutível à matéria, e que se poderia também chamar reducionismo, materialismo ou positivismo. A esse respeito, observo que este se baseia sobre uma opção de fundo específica na interpretação do fenômeno humano, em particular, daquelas dimensões de nosso viver que não são redutíveis à nossa dimensão material e que se denominam ética, criatividade, espiritualidade, pensamento, gratuidade. A questão é a seguinte: trata-se de dimensões que revelam uma relação ingênua e ilusória com o ser real da matéria e com sua lógica que não conhece gratuidade ou, em vez, que, com respeito à matéria e à sua lógica, revelam uma superação e uma transcendência?

Tudo depende de como se responde a esta pergunta. Pelo que me diz respeito, estou convencido de que quando nos achamos diante de seres humanos que agem a favor do bem e da justiça até mesmo contra os próprios interesses biológicos e econômico-sociais, estamos na presença de uma dimensão imaterial do ser que, para ser interpretada, requer a superação do materialismo. Estou dizendo, em outras palavras, que, ao afirmar Deus, somos levados a ter de explicar a nobreza que às vezes aparece no fenômeno humano. Ao contrário, a negação de uma dimensão ontológica para além da imanência material comporta a redução teórica da gratuidade da ética a um simples interesse camuflado, ou até mesmo a comportamentos inexplicáveis, ingênuos, bizarros, até dementes.

U.A.: A verdade é um atributo disputado pela religião, ciência, filosofia e senso comum. Por que muitas vezes é necessário que os discursos sejam detentores de uma verdade única, passando pelo critério da legitimidade?

V.M.: É evidente que toda disciplina tem seu estatuto epistemológico com base no qual apresenta um modelo de verdade próprio, mas também é verdade que há um campo onde os diversos modelos se encontram e às vezes se chocam, e este campo é dado pela ética e pelo direito. As diversas filosofias e as diversas religiões têm cada uma um modelo próprio de verdade conforme ao próprio estatuto ontológico e epistemológico, mas estes modelos são chamados desde a existência concreta a se pronunciar sobre as questões decisivas do viver e do conviver, como, por exemplo, aquelas ligadas à bioética, ou à justiça social, ou ao campo dos afetos e dos sentimentos. Para tanto são necessários diálogo, estima, capacidade de escuta, entre todas as várias disciplinas em que se divide a aventura humana do conhecimento.

U.A.: Como você vê a situação do ensino religioso em escolas públicas? Entende como uma disciplina obrigatória da formação fundamental das crianças e adolescentes? De que modo isso pode ser combinado com as questões das sociedades seculares?

V.M.: Tendo por base as motivações expostas no ponto 1, creio que o ensino religioso não possa faltar no interior de uma oferta escolástica completa e responsável. A escola deve ajudar a garotada a ler o nosso mundo, e sem a religião muitos aspectos de nosso mundo permanecem incompreensíveis, seja quando se trata de matérias como a arte, a literatura, a filosofia, a história, seja com respeito à atualidade e à política. Naturalmente, o ensino religioso deve ser totalmente *aconfessional*, e precisamos evitar acuradamente qualquer mínima suspeita de doutrinação e de proselitismo. O ensino religioso nada tem a ver com catequese, sendo em vez mais próximo do ensino da filosofia. Na escola, a questão não é crer, mas simplesmente saber.